

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE MEDICINA

GABRIEL JUVENAL REINERT

**Uma breve jornada de mim: uma narrativa reflexiva sobre
a graduação de Medicina na Universidade Federal de São
Carlos**

SÃO CARLOS – SP
2024

GABRIEL JUVENAL REINERT

**Uma breve jornada de mim:
uma narrativa reflexiva sobre a graduação de Medicina
na Universidade Federal de São Carlos**

A Brief Journey of Myself: A Reflective Narrative on Medical Graduation
at the Federal University of São Carlos

Trabalho de conclusão de curso apresentado
à Coordenação do Curso de Medicina da
Universidade Federal de São Carlos como
parte das exigências para obtenção do título
de Médico (Lei 1.3270/16).

Orientador: Ubiratan Cardinalli Adler

São Carlos – SP

2024

Sumário

Introdução.....	7
Primeiro ciclo – Ciclo básico (2018-2019).....	8
Segundo ciclo – Ciclo clínico (2020-2021/2022).....	12
Terceiro ciclo – Internato (2022-2024).....	15
Conclusões.....	17

Agradecimentos

Agradeço à minha família, aos meus amigos, aos meus professores e a todos que acreditaram em mim.

Resumo

Este trabalho é uma narrativa reflexiva sobre minha trajetória no curso de graduação em Medicina na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), reforçando os pontos principais das minhas vivências na cidade de São Carlos, na UFSCar e no curso de Medicina ao longo dos seis anos da graduação. Esta narrativa se dividiu em três capítulos, baseados na divisão clássica dos ciclos de ensino das ciências médicas, destacando os principais eventos, atividades, interações e impactos das ações e atividades curriculares e extracurriculares na minha vida. Por fim, conclui-se, a partir da minha experiência, que não há destino, senão aquele que criamos.

Abstract

This reflective narrative encapsulates my transformative six-year journey pursuing a Medicine degree at São Carlos Federal University. Divided into three chapters mirroring classical teaching cycles, it succinctly captures key events, activities, and impactful moments in curricular and extracurricular realms. Ultimately, it underscores the realization that our choices and actions shape our destiny.

Introdução

“Et ipsa scientia potestas est.”

Francis Bacon. *Meditationes sacrae*

Este texto se propõe em construir uma análise reflexiva sobre a minha própria trajetória no curso de Medicina, na Universidade Federal de São Carlos, que ocorreu no período de março de 2018 a fevereiro de 2024.

A análise se divide cronologicamente nos três grandes ciclos clássicos do curso de Medicina: ciclo básico (1º e 2º anos), ciclo clínico (3º e 4º anos) e internato (5º e 6º anos). Além disso, há um capítulo para a análise das atividades extracurriculares realizadas ao longo dos 6 anos do curso.

Durante o curso, diversos desafios pessoais, acadêmicos, profissionais e ambientais aconteceram, de modo a dificultar o processo de aprendizado e de permanência estudantil ao longo do curso.

Entretanto, creio que todos os meus esforços e da minha família, durante este período de 6 anos, foram para a conclusão do curso e para estar neste momento de escrita do meu trabalho de conclusão de curso.

Primeiro ciclo – Ciclo básico (2018-2019)

O início foi conturbado, como um recém-adulto, ainda adolescente, jovem de 18 anos, em uma cidade nova, em um estado novo, sem conhecer ninguém, sem ter nenhuma rede de apoio. As dificuldades do choque de cultura foram, principalmente, a adaptação à vida adulta, com um aumento de responsabilidades, sendo responsável por todas as tarefas domésticas, pelas contas, pela manutenção de mim mesmo.

Então, os primeiros dias foram desesperadores e, ao mesmo tempo, emocionantes, pela mudança, pelo novo, pelas possibilidades descobertas. Eu estava em um novo mundo, explorando o que estava por vir.

Ao longo das primeiras semanas do meu primeiro ano de Medicina, eu percebi a importância do trabalho em equipe, principalmente para ajudar os outros e no cuidado profissional, em todo o sentido do termo. Tudo isso foi sendo amplificado todos os dias durante as atividades, pois os meus professores e meus colegas de classe me ajudaram a desenhar um caminho mais curto e mais fácil para atingir este propósito.

Essas reflexões alteraram os meus pensamentos, tornando-me mais aberto e mais comprometido com o meu trabalho e com o meu papel na vida das pessoas. As experiências que tive com todas as pessoas da universidade foram essenciais para minha motivação nos meus esforços futuros no curso, de modo que busquei ser um agente de melhoria, enquanto promotor do meu papel, na vida dos outros.

No primeiro ano da graduação, como todos os eventos novos da vida, precisamos aprender com os mais experientes no assunto, isto é, os veteranos. Então, logo após descobrir que passei aqui, o meu contato com os veteranos se iniciou, tornando-se fulcral durante toda a minha graduação, em função do apoio, das dicas, das caronas para as atividades extracurriculares, das horas ouvindo os desabafos da graduação e me confortando sobre como as coisas poderiam melhorar. Para eles, meu agradecimento.

Entretanto, apesar deste contato com os veteranos, os desafios são experienciados sozinhos, descobrindo o funcionamento enquanto faz. Creio que esta sensação me acompanhou durante toda a graduação, com os desafios me preenchendo à medida que descubro como enfrentá-los, em um caos organizado.

Assim, as atividades curriculares começaram, em uma divisão estranha, diferente do habitual: Situação Problema I, Prática Profissional I e Estação de Simulação I.

Os princípios eram fáceis de entender, respectivamente, teoria médica geral, prática médica geral e simulação da prática médica, entretanto, as nuances de cada atividade foram se desenrolando ao longo do primeiro semestre.

A Situação Problema I teve como docente o professor Rodrigo Guerino Stabeli, com um grupo de colegas que partilho amizades com alguns até hoje. Esta atividade se iniciou como uma apresentação nossa, da nossa vida e das nossas escolhas, com a famosa frase: “Por que medicina? Por que UFSCar?”, que nos faz questionar sobre o nosso processo de escolha em uma das decisões mais importantes das nossas vidas, isto é, nossa profissão e onde iremos aprendê-la. Essa crítica reflexiva sobre nós mesmos sempre foi parte do curso, principalmente nos primeiros anos.

A atividade foi, inicialmente, difícil, com um método de ensino diferente, uma infinidade de conteúdo, sem saber até onde me aprofundar, até onde estudar, o que precisava cumprir. Tudo isso em uma metodologia diferente do que vivi ao longo de 11 anos da minha vida acadêmica prévia.

Ao longo do tempo, a incerteza sumiu, a medida que recebia o retorno dos meus pares e do docente sobre meu desempenho, sobre a atividade, sobre meu conhecimento. Assim, a atividade se desenvolveu como o planejado pelos docentes.

Entretanto, creio que, devido à fase de transição abrupta, não desfrutei de forma satisfatória o meu tempo na atividade, de modo que ela foi subaproveitada, com um potencial de ensino muito melhor, contudo, só descobri isso nos meses finais do meu primeiro ano. Assim, criei um plano de melhoria mental para aproveitar melhor a Situação Problema II.

A Prática Profissional I teve como docente a professora Aline Guerra Aquilante, com um grupo de colegas que iriam me acompanhar pelos próximos 4 anos, além de eu criar um carinho especial por muitos colegas desse grupo. A atividade foi conturbada no início, com diversas atividades introdutórias, muitas delas tediosas e desnecessárias, além de discussões rasas, com um ar de cumprir tabela de horários.

Na segunda metade do ano, a prática em si foi iniciada, com nossa alocação pelos próximos 4 anos na Unidade de Saúde da Família (USF) Presidente Collor, de modo que fomos bem recebidos pelos profissionais e pelos pacientes, com as visitas domiciliares

proveitosas e com o desenvolvimento da fala com o paciente, da anamnese guiada pelo paciente, aprendendo, principalmente, a ouvir, ao invés de interromper e impor perguntas.

Apesar da prática em si ser proveitosa e divertida, as reflexões da prática foram desastrosas, de modo que a docente não conseguia instigar o grupo com os assuntos, de modo que as perguntas pareciam artificiais, quase como uma grade necessária a cumprir, em detrimento de uma reflexão da prática, tal qual a atividade se propõe a ser.

Por fim, a Estação de Simulação I teve como docente a professora Sheyla Ribeiro Rocha, uma excelente médica e, principalmente, uma excelente docente em medicina. A atividade é diferente do habitual, com simulações diversas, mas principalmente nos ensinando a colher uma história clínica, a conversar com um paciente, entender as queixas e as necessidades de saúde deles, muito mais do que a doença.

Não tenho o que expressar sobre esta atividade, creio que a docente e as simulações cumpriram o papel principal deles, sem grandes intercorrências e com discussões importantes no momento de aprendizado que estávamos inseridos.

Na minha opinião, uma carga maior desta atividade poderia ser maior nos primeiros anos, pois, entender o que precisamos fazer em um ambiente controlado, antes de fazer de forma errada, com maior probabilidade de consolidarmos nossos erros e refletirmos sobre conceitos errados. Assim, creio que a atividade, de modo geral, é subutilizada pelo curso, com melhorias no currículo auxiliando o melhor proveito desta atividade rica.

Então, passamos para o segundo ano do curso, em 2019.

No meu segundo ano, os meus docentes foram a professora Cristina Helena Bruno na Situação Problema II, o professor Bruno Fontanella na Estação de Simulação II e o professor Marcelo de Castro Cesar na Prática Profissional II.

Em particular deste ano, creio que a Estação de Simulação II não teve novidades em relação ao primeiro ano, entretanto, o nosso foco foi modificado para o exame físico dos pacientes, aprendendo, por meio da experimentação em atores e nos colegas, o exame físico da pele e fâneros, cardíaco, pulmonar e abdominal. As discussões foram focadas nesses assuntos. Assim, foram a base para os atendimentos nos próximos anos.

Em relação à Prática Profissional II, apesar das intemperes inerentes ao curso, com a falta de docentes para um cumprimento adequado da atividade, ela se desenvolveu conforme o esperado, com a introdução de novos pacientes, novos ciclos de vida analisados, novos

aprendizados, entretanto, com reflexões da prática mais inspiradas na prática em si, além de uma inserção mais natural dos assuntos necessários nas perguntas do grupo.

Por fim, na Situação Problema II, a atividade em si se tornou muito mais proveitosa, em função da base do ano anterior, além de integrar casos clínicos, com patologias reais, muitas vezes simulando a série de TV *Dr. House*, apesar do nosso conhecimento para discussão dos casos ser muito mais limitado, nesse início da nossa jornada médica. Além disso, tentei melhorar a eficiência do meu aprendizado, com base nas minhas experiências do ano anterior. Desta forma, a atividade foi muito mais proveitosa que o ano anterior e mostrando um pouco mais que a medicina UFSCar foi uma escolha certa.

Assim, após as provas do segundo ano, feitas com muito medo da temida “reprova”, o ciclo básico foi concluído.

Então, novos medos surgiram com o ciclo clínico, dito ser “totalmente diferente do ciclo básico”, entretanto, quase como uma tragédia grega, o destino me aguardava com um medo muito mais real e mais devastador.

Segundo ciclo – Ciclo clínico (2020-2021/2022)

Então, o terceiro ano começou, em fevereiro de 2020, com as atividades Situação Problema III, inicialmente com o professor Francisco de Assis Carvalho do Vale, a Estação de Simulação com os professores Carla Betina Andreucci Polido, Daniel Sundfeld Spiga Real, Ieda Regina Lopes Del Ciampo, Jair Barbosa Neto, e a Prática Profissional III.

A Prática Profissional III se subdivide em Saúde da Mulher I, com a professora Luciana de Barros Duarte, Saúde do Adulto e Idoso I, com a professora Ana Cláudia de Oliveira, Saúde da Criança, com o professor Guillermo Andrey Ariza Traslaviña, e Saúde da Família, com o professor Augustus Tadeu Relo de Mattos.

No primeiro encontro da Situação Problema III, meu pequeno grupo, após realizar a síntese provisória, é informado que o nosso docente, o professor Francisco de Assis Carvalho do Vale, foi realocado para o quarto ano, de modo que não sabemos qual seria o destino do grupo, agora sem docente.

Então, continuamos com as outras atividades do curso sem sabermos qual direção iremos e enquanto aguardamos as decisões da coordenação em relação à Situação Problema III.

No fim, os integrantes do pequeno grupo foram realocados para os outros grupos existentes, de modo que eu acabei ficando no grupo do professor Daniel Sundfeld Spiga Real. Ao entrar no grupo, recebo a informação que o docente vai precisar se ausentar no final do semestre, por motivos pessoais, entretanto, não gostaria que o nosso grupo fosse prejudicado por tal eventualidade.

Então, ele se disponibilizou a dobrar a carga horária semanal da atividade, de modo extra-oficial, para cumprirmos toda a carga horária semestral com ele, sem termos prejuízos em relação a conteúdo. O grupo concordou com a prática, de modo que começamos a ter uma carga horária aumentada.

Nas outras frentes, tivemos algumas dificuldades técnicas com a USF que estávamos adscritos, pelo tamanho da unidade, assim, precisaríamos espaçar nossas atividades práticas, para quinzenalmente, ao invés de semanais. Entretanto, não estávamos enfrentando nenhum problema com os atendimentos nem com as visitas domiciliares.

As práticas de Saúde da Mulher, Saúde da Criança e Saúde do Adulto e do Idoso ocorriam sem nenhuma intercorrência, nas Unidades Básicas de Saúde designadas. A Estação de Simulação também não teve nenhuma alteração do previsto inicialmente.

Então, no final de fevereiro de 2020, espalha-se a notícia de uma nova epidemia na China continental, causada pelo vírus SARS-CoV-2 e denominada COVID-19. Inicialmente, estávamos curiosos com a nova doença, sem nos preocupar, pois a China estava longe e era “apenas” uma nova infecção viral de vias aéreas superiores. Eu, particularmente, lembrei da pandemia de influenza H1N1 de 2009, com seu fim rápido após alguns meses, sem grandes repercussões no Brasil.

Então, os primeiros casos no Brasil se instalaram, inicialmente em São Paulo, importados diretamente da China. Eu lembro de uma “piada” que fizemos no nosso grupo de prática profissional, ao discutirmos o atendimento de uma síndrome gripal, se o nosso colega questionou se o paciente tinha viajado para a China recentemente.

Após esse início de quadros no Brasil, fomos informados, pela reitoria da Universidade, que todas as atividades estavam suspensas, tendo em vista o quadro epidemiológico mundial e a incerteza com esta nova pandemia. Eu e meus colegas estávamos crentes que isso duraria algumas semanas, um mês no máximo.

Então, iniciou-se o período de pandemia.

Durante 6 meses, todas as nossas atividades foram congeladas no tempo, enquanto víamos o mundo inteiro sofrer com a COVID-19. Eu não estava certo de quanto as atividades iriam retornar, não tinha segurança de viajar para a casa da minha família, não tinha uma perspectiva do que iria acontecer comigo, com meus familiares e com as pessoas próximas de mim.

Então, durante este período, iniciei diversas atividades extracurriculares online, aprendi assuntos não relacionados a medicina e novas habilidades, realizei cursos, entre outras atividades da vida cotidiana, neste novo mundo pós-pandemia.

Em setembro de 2020, após 6 meses parados e inúmeras discussões do Conselho de curso (CCMed), as atividades retornaram de forma remota, no Ensino Não Presencial Emergencial (ENPE). Todas as nossas atividades foram ressignificadas para um contexto online, de modo que, todas elas passaram a ser teóricas. Além disso, tivemos a mudança de docentes em algumas atividades, com a minha Prática Profissional em Saúde da Família

sendo orientada pelo professor Bernardino Geraldo Alves Souto e minha Situação Problema III pela professora Ângela Merice de Oliveira Leal.

As atividades, no meu ver, tornaram-se maçantes, de modo que não conseguia aproveitá-las da mesma forma que anteriormente, minha atenção estava sendo constantemente desafiada e a falta de perspectiva para o retorno presencial me desanimava. O curso que tinha 2/3 da sua base em práticas simuladas e reais passava a ser puramente teórico.

O ano de 2020, tanto acadêmico como civil, acabou. Enfim, começou o quarto ano, em 2021. Apesar das promessas de retorno presencial neste ano, poderíamos chamá-lo de 2020.2, de modo que houve poucas mudanças na estrutura de como o curso ficou organizado.

As atividades Situação Problema IV (orientada pelo professor Luis Antonio Marcomini), Estação de Simulação IV (orientada pelos professores Luis Antonio Marcomini, Luciana de Barros Duarte, Maristela Schiabel Adler e Haroldo Carvalho) e Prática Profissional IV, subdividida em Saúde da Criança II (orientada pela professora Amélia Arcângela Teixeira Trindade), Saúde da Família IV, Saúde da Mulher II (orientada pela professora Luciana de Barros Duarte) e Saúde do Adulto e Idoso II (orientada pelo professor Ubiratan Cardinali Adler).

As atividades foram feitas, majoritariamente, online, entretanto, as práticas profissionais foram lentamente retornando, não de forma completa, como deveriam ter ocorrido. Além disso, uma reposição das horas práticas perdidas em 2020 foi proposta, contudo, elas foram insuficientes para suprir a minha necessidade acadêmica, parecendo como um simbolismo e uma “obrigação legal”.

Em especial, gostaria de agradecer o professor Ubiratan, um verdadeiro mestre, amado pelos alunos e pelos pacientes, ensinando-me como atender os mais diversos casos de clínica médica, mas, principalmente, ensinou-me como ouvir e entender as queixas dos pacientes, habilidade que eu já tinha lido e estudado, entretanto, ele demonstrou de forma prática com uma maestria sem igual.

Após dois anos que parecerem o mesmo, do uso de tecnologias de ensino remoto, de novos aprendizados e novas habilidades, de medos indescritíveis sobre a segurança das pessoas que amo, de frustrações com o curso e com a universidade, questionando-me de minhas escolhas de 2018, de práticas online e reposições simbólicas, depois de tudo isso, o ciclo clínico se encerrou e o internato iria começar.

Terceiro ciclo – Internato (2022-2024)

Os próximos dois anos acadêmicos, isto é, 60 semanas, seriam os mais desafiadores mentalmente da minha vida. O internato é, como sempre me foi dito, diferente dos quatro anos anteriores da faculdade. A intensidade, a cobrança, a velocidade de aquisição do conhecimento, a responsabilidade e o raciocínio clínico envolvido são completamente inigualáveis.

Ao entrar no internato, tive a sensação que não aprendi nada de medicina nos meus primeiros anos do curso. Essa sensação ainda me persegue ao final do internato.

As questões do internato começaram antes mesmo das aulas começarem, com as discussões dos grupos de internato e das rotações dos estágios. Após muitas considerações, meu grupo foi formado, por colegas que tenho o prazer de chamar de amigos. Além disso, iniciamos o internato pela Pediatria, um mundo que tive pouquíssimo contato anteriormente, e eu comecei pela enfermaria do Hospital Universitário da Universidade Federal de São Carlos (HU-UFSCar). Então, foi um choque de realidade absurdo, com doenças que só tinha ouvido falar e, algumas, estudadas, mas nunca vistas na prática.

Aos poucos, fui me acostumando com os novos cenários, a nova forma de estudar, rápida e dinâmica, aos docentes, às emergências, ao novo estilo de vida.

Os dias eram longos, as horas demoradas, mas os meses foram curtos, os estágios, logo, acabaram. As diversas áreas dos conhecimentos, todas com suas idiossincrasias, todas com partes que gostei, partes que odiei, com partes que me identifiquei e que me fizeram não escolher aquela especialidade para a minha vida.

O quinto e o sexto ano se fundiram em uma única entidade, chamada internato, com os estágios se confluindo. Muitas informações, muitos pacientes, muitos ensinamentos

Os docentes foram sempre muito atenciosos, didáticos, dedicados em nos ensinar, nos tocar com suas especialidades. Não tenho críticas a nenhum deles como professores. Alguns docentes me aproximei como amigos, contando piadas, tomando cerveja juntos, conversando na mesa do bar.

Em relação aos preceptores, algumas críticas pessoais, pessoas que não quero manter contato após o fim da faculdade, por situações do cotidiano, sem nenhum tipo de mágoa ou ressentimento, mas que a amizade eu não tenho.

Entretanto, muitos deles foram pessoas maravilhosas, exemplos de médicos e profissionais, com uma atitude empática, proativa, didáticos e exemplares. Exemplos estes que quero levar comigo na minha jornada profissional, com o orgulho de dizer que fui influenciado por estas pessoas maravilhosas, alguns dos quais, nossa turma teve a honra de homenagear em nossa formatura, entretanto, pelo limite de pessoas, muitos excelentes preceptores acabaram não sendo eternizados nas nossas homenagens e na nossa placa de formatura.

Apesar dos desafios do internato, das noites mal dormidas, dos dias mal vividos, do estresse, do caos, da agonia e do sofrimento, posso dizer que estes foram os dois melhores anos da minha graduação, que tive o prazer de compartilhar com meus amigos, com conhecimentos e ensinamentos que irei carregar durante toda a minha vida, com memórias que irei reviver sempre que possível.

Estou, neste momento, feliz e triste por este fim, por ter terminado a minha graduação, por me separar das amizades que cultivei ao longo destes seis anos, pelo conhecimento que adquiri, pelos desafios que vivi, pelas lutas diárias, mas, acima de tudo, contente, pois meu futuro está próximo.

Neste momento, só posso agradecer a todos que estiveram comigo nesta jornada. Agora, estou vivendo o que o eu de 2018 estava sonhando. Hoje, crio novos sonhos, novas metas, novos objetivos e espero, logo, estar na mesma posição que me encontro agora.

Conclusões

Gostaria de finalizar este trabalho com minha última reflexão. O destino não existe, senão aquele que eu mesmo faço. Assim, concluo que, independente da nossa posição inicial, não há objetivos inalcançáveis e que devemos, sempre que possível, esforçarmo-nos para os atingir.

Eu, neste momento, somente escrevo estas palavras e reflexões, pois, em algum momento, decidi não desistir dos meus objetivos. Estou aqui também, apoiado nos ombros de gigantes, cuja contribuição científica, social ou pessoal me possibilitou enxergar mais longe no horizonte de possibilidades infinitas.

Talvez, em um universo alternativo, com outras variáveis, não estaria aqui e estas palavras nunca existiriam. Então, fico feliz de que, por um arranjar de fatores, eu esteja aqui.